
A POSIÇÃO DESIGNADA AO OUTRO DO SUJEITO PSICÓTICO NA TRANSFERÊNCIA ANALÍTICA

Luanna Krüger dos Santos* (NUMAPE -Núcleo Maria da Penha – Guarapuava-PR); Eduardo Bernardes Nogueira (Docente do colegiado de psicologia da Faculdade Guairacá, Guarapuava-PR).

contato: luanna.kruger@hotmail.com

Palavras-chave: Foraclusão. Grande Outro. Secretário do alienado.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo principal de investigar qual é a posição designada ao Outro do sujeito psicótico na transferência no tratamento analítico. Para tanto vai ser necessário explicitar o conceito de transferência em Freud e compreender as proposições iniciais sobre transferência em Lacan. Igualmente será necessário apresentar a estrutura psicótica na perspectiva lacaniana, para que, dessa forma, se possa investigar os elementos principais da transferência na psicose.

Decidiu-se por este tema por ser de grande interesse pessoal explorar a transferência na clínica psicanalítica das psicoses, ressaltando a importância de conhecer a estrutura, para que possa haver um manejo adequado, indispensável em se tratando da clínica em psicanálise e, especificadamente, nesse caso da psicose, levando em consideração que se trata de uma transferência diferente da que ocorre nas neuroses, mas que, conforme aqui propomos, é uma atuação possível.

Freud (1911-1913) sustenta que a psicose teria uma possibilidade de tratamento caso houvesse transferência, e essa só poderia se tratar de uma transferência negativa. Os parafrênicos, como foram inicialmente denominados “os psicóticos”, apresentam-se com megalomania e um desinteresse ao mundo externo, tanto o mundo das pessoas como o das coisas. Sendo assim, esses pacientes seriam inacessíveis ao tratamento da psicanálise, não se podendo garantir cura, por essa impossibilidade de se investir no mundo externo e no outro.

Para Lacan, é justamente por haver, na transferência, uma relação com o saber, é que existe a transferência na psicose, e, por se tratar da fala, é que se pode afirmar que existe transferência, levando em consideração que, quando se fala, a dimensão do Outro necessariamente aparece (QUINET, 2006).

Percebe-se que a posição freudiana frente ao tratamento da psicose levanta uma questão problemática à psicanálise, apresentando uma limitação considerável à técnica e à possibilidade de atuação do analista nos vários contextos, sobretudo na psicose.

Sabe-se, porém, que a aplicação da psicanálise ganhou, no último século, caminhos diversos, bem como uma relevante revisão conceitual, revisão que buscou, entre outras coisas, repensar as possibilidades de oferta da psicanálise.

Nesse âmbito, a possibilidade do tratamento analítico de psicóticos entra em cena como questão a ser debatida frequentemente, assim se deparando então com os conceitos fundamentais nessa abordagem, como a transferência nessa estrutura, pois ali ela tem um modo peculiar de funcionamento.

O ponto que aqui se deseja abordar é que, em se tratando da pesquisa científica na psicanálise, ela segue outra lógica e que não se encaixa nas ciências naturais, uma vez que a sua preocupação não está pautada em seu seguimento demonstrativo, dando assim lugar para “[...] um trabalho de descoberta/invenção que se alimenta do depoimento e, em contrapartida, o enriquece e abre para dimensões psíquicas, individuais e sociais, inesperadas” (FIQUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 262).

Assim sendo e considerando a pesquisa em psicanálise, este artigo não pretende dar uma única resposta para a problemática da posição designada ao Outro do sujeito psicótico na transferência, mas permite explorar esses conceitos para que se possa pensar na atuação psicanalítica nos casos de psicose: “A estas questões poderemos retornar nas considerações finais sem que nos sintamos obrigados a dar a elas uma resposta unívoca” (FIQUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 263).

Após uma exaustiva busca a respeito da psicose, da transferência e do *Outro*, foram, para esta pesquisa, encontrados vários artigos, monografias, dissertações e livros abordando o tema proposto. Dessa forma, a princípio, a base teórica aqui adotada é a do "pai da psicanálise", Freud, para poder dar início aos estudos, utilizando seu livro “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos”, de 1911-1913, que permitiu uma aproximação de sua visão a respeito da psicose, bem como compreender o seu conceito de transferência.

Posteriormente, tendo Lacan como referência para um possível tratamento da psicose através da psicanálise, foi utilizada a obra “Escritos”, de 1901-1981, e dois de seus seminários “Seminário 3 – Psicoses”, de 1955-1956, e “Seminário 11- Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, de 1964, que permitiram explorar essa estrutura psicótica e uma aproximação com um tratamento adequado.

Para discussão, a escolha foi pautada em estudos mais recentes, mas que mantiveram utilizando Lacan como referência, e são nomes reconhecidos cientificamente a respeito da temática da psicose, trazendo uma linguagem mais acessível. Dessa forma, também foram escolhidos, como outras referências para a discussão deste artigo, os psicanalistas Antônio Quinet, com a obra “Teoria e Clínica da Psicose” — de 2006, e Contardo Calligaris, com a obra “Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses” — de 2013. A esses dois autores se junta Juliana Fontana, que vem seguindo o propósito desses autores, porém com um estudo mais atualizado. Dessa forma foi utilizado também o seu livro, intitulado “Psicose da Teoria à Clínica” — de 2015. Enfim, também foram consultados artigos encontrados no ScieLo e no PepsIC.

A escolha desses documentos foi realizada mediante leituras dos conteúdos, buscando o que pudesse auxiliar, de forma coerente, o objetivo deste artigo. A pesquisa por bibliografia, para encontrar títulos de artigos da área, fez a busca pelas palavras-chave “Psicose, transferência e Outro”. Nessa pesquisa foi encontrado um leque de artigos e de arquivos publicados, aproximadamente 82, que, em que a maioria, utilizavam como referência Freud, Lacan, Quinet e Calligaris. A partir de uma minuciosa leitura dos resumos desses artigos encontrados, foram selecionados uns poucos textos: i) uma dissertação que estava disponível em forma de artigo, também com o título “O inconsciente a céu aberto e a transferência: o secretário do alienado como manejo clínico na psicose – 2012”, de Roberto L. Mendonça; ii) o artigo “Algumas considerações sobre o sujeito na psicose”, de Gabriela Meyer – 2008, que se encontrava disponível na Revista Ágora; e iii) outro artigo com o título “A transferência no tratamento da psicose – 2008”, de Viviane S. Maciel.

Esses textos possibilitaram uma boa aproximação com a temática proposta, explorando os conceitos de psicose, de transferência e de Outro e instigando a reflexão a respeito da posição designada ao Outro do sujeito psicótico frente à transferência analítica.

Fundamentação teórica

Para poder compreender o conceito de "transferência", parte-se aqui do texto de Freud intitulado "A dinâmica da transferência", em que ele propõe o modo de funcionamento dessa dinâmica e como ela pode ocorrer na clínica.

Cada sujeito, a partir das experiências adquiridas na infância, encontra uma forma de lidar com o amor, tornando-se um clichê que acaba por se repetir durante toda sua vida e que faz parte de sua realidade consciente. Há, contudo, uma parte dessa libido destinada a inconsciência e que pode aparecer na fantasia ou continuar de modo que a consciência não tenha acesso (FREUD, 2010).

Então se acredita que parte desse investimento libidinal insatisfeito possa aparecer na figura do analista. Nesse caso, esse investimento irá seguir algum clichê que foi construído a partir das primeiras experiências desse sujeito. Dessa forma, o analisando acaba por repetir, com o analista, o modo como se relaciona com as outras pessoas, ou seja, passa a investir essa libido na figura do psicanalista, sendo que, assim, estaria estabelecida a transferência (FREUD, 2010).

O mais relevante, no entanto, para a transferência, é que ela pode aparecer como a mais forte resistência durante o tratamento, por haver uma introversão da libido (termo introduzido por Jung):

Diminui a porção da libido capaz de consciência, voltada para a realidade, inconsciente, que ainda pode alimentar as fantasias da pessoa, mas que pertence ao inconsciente. A libido (no todo ou em parte) tomou a via da regressão e reanimou as imagens infantis. (FREUD, 2010, p. 138).

A psicanálise procura trazer à luz da consciência a libido que se encontra recalçada, então a resistência aparece como tentativa de não deixar esses conteúdos libidinais chegarem até a consciência: "Sempre que nos avizinhamos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada para a consciência e defendida com enorme tenacidade" (FREUD, 1911-1913, p. 140). Dessa forma, conclui-se que a transferência aparece com mais forte resistência (FREUD, 2010).

Ao estudar o narcisismo sob influência da teoria da libido na *dementia praecox*, de Kraepelin, na esquizofrenia de Bleuler e nos parafrênicos para Freud (depois denominadas psicoses), o que se retrata é que esses psicóticos apresentam a megalomania juntamente com o abandono do interesse pelo mundo externo e, então, justamente por não poderem investir no

mundo externo, nos objetos, nas pessoas, eles se encontram isolados pela psicanálise (FREUD, 2010).

Sobre esse afastamento do parafrênico em relação ao mundo externo, Freud acaba afirmando que isso não é motivo suficiente para que não haja tratamento pela psicanálise, pois, no caso dos neuróticos, neles também ocorre um abandono da realidade, mas o que se diferencia, para que a psicanálise possa fornecer um tratamento, é que os neuróticos conseguem manter suas relações eróticas com pessoas e coisas, ou seja, mesmo que na fantasia se tenha a substituição dos objetos reais por objetos imaginários. Somente nesse contexto da libido poderia ser aplicado o termo "introversão da libido" utilizado por Jung (FREUD, 2010).

Já no caso dos parafrênicos, a sua afecção, “[...] parece mesmo retirar das pessoas e das coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia” (FREUD, 2010, p. 15), esse investimento libidinal que não consegue se tornar externo acaba retornando para o próprio Eu, ou seja, o narcisismo.

Sendo assim, Freud acredita não haver um tratamento adequado para as psicoses utilizando a psicanálise, pois esse tipo de paciente estaria impossibilitado de investir no mundo externo. Sendo assim, não poderia investir libido no analista, resultando na incapacidade de haver a transferência, que é o ponto crucial para a psicanálise.

Ao falar da transferência, Lacan, em seu seminário “Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, coloca a transferência como sendo um afeto, e retorna o conceito de repetição de Freud:

Em sua emergência nos textos e nos ensinamentos de Freud, um deslizamento nos espreita, que não poderíamos imputar- é de não ver no conceito de transferência senão o conceito mesmo de repetição. Não esqueçamos que, quando Freud o representa para nós, ele nos diz, - O que não pode ser rememorado se repete na conduta. Essa conduta, para revelar o que ela repete, é entregue à reconstrução do analista” (LACAN, 1985, p. 124).

O que aparece encoberto para o inconsciente e não consegue aparecer na linguagem, é isso o que precisa aparecer na atuação do analisando com o analista. Lacan diz que essa atuação é importante por haver passagem de poderes do analisando ao Outro, ou seja, ao lugar de verdade — conforme explicado mais adiante. O analista ocupa o lugar de Outro como destino de fala que traz a abertura para o inconsciente (LACAN, 1985).

Lacan retoma a transferência como resistência, pois é o que corta a comunicação com o inconsciente: “[...] longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento” (LACAN, 1985, p. 125). Lacan justifica que a transferência se coloca a partir do momento em que o amor surge e o paciente começa a resistir dessa forma, começa a repetir.

Lacan caracteriza a transferência para além da repetição, segundo Pisetta (2012, p. 97): “É fundamental frisar a estrutura de linguagem em que a transferência se situa, e destacar que, para além da repetição dos estereótipos inconscientes, a repetição desvela um encontro com o inassimilável, com aquilo que não se articula a partir da linguagem”.

A repetição nos demonstra a incapacidade de ser articulada pelo significante. É dessa forma que direciona a passagem de poder ao Outro, em quem supõe que tenha um saber a que ele (o sujeito) não tem acesso. Esse Grande Outro seria definido como lugar de fala, lugar da verdade:

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a transferência transmite uma mensagem inconsciente, sua manifestação pela repetição indica que essa mensagem não pode ser plenamente conhecida, pois resta um algo de inassimilável radical. Essa é a novidade lacaniana apresentada em 1964, que distancia os conceitos de repetição e transferência. Aqui a transferência apresenta-se como uma mensagem interrompida pela repetição. (PISETTA, 2012, p. 97).

Como se pode observar, a transferência vai aparecer aqui como o fechamento do inconsciente. Lacan diz que o inconsciente se estrutura como linguagem, sendo assim, a transferência aparece como uma resistência ao se pensar que ela é que fecha o inconsciente e, ao mesmo tempo, é justamente esse fechamento que permite a interpretação (PISETTA, 2012).

A interpretação está ligada ao Grande Outro que já está lá, o analista, ocupa esse lugar como destino de fala que possibilita abertura do inconsciente. Quem irá interpretar não é o analista, mas, sim, o seu inconsciente do paciente — o Outro. Por essa lógica, a interpretação já vai estar presente antes mesmo da transferência (LACAN, 1985).

Dessa forma entra em cena o *objeto a*, que foi designado por Lacan como a causa de desejo. A transferência no campo passional percorre o desejo em torno desse objeto, por isso este *objeto a* ganha relevante espaço em se tratando da transferência, pois é também definido como um objeto que anuncia uma falta à simbolização, e só por essa falta (perda de um objeto) que

será capaz de se produzir satisfação, fazendo andar o desejo, permitindo, dessa forma, um contorno aos objetos do desejo do sujeito (PISETTA, 2012).

Eis que chegamos ao ponto relevante da transferência na psicose, pois o *objeto a* não foi retirado desse sujeito. Dessa forma, ele não conseguiu transferir as experiências da libido para o campo do Outro. Sendo assim, é o próprio sujeito a causa de interesse do Outro, e não ao contrário, como ocorre na neurose (ZENONI, 2000 apud LIMA, 2001). Em outras palavras: “Na transferência psicótica trata-se, portanto, desta inversão libidinal, na qual o sujeito possui algo que interessa ao analista, àquele que ocupa o lugar do Outro” (LIMA, 2001, p. 52).

Acredito que cabe colocar uma citação de Lacan do seu Seminário 3 – “As psicoses”, em que retrata um pouco a respeito do fenômeno psicótico:

O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício. (LACAN, 1988, p. 102).

A psicose é caracterizada, por Lacan, como a forclusão do nome-do-pai. No caso, "forclusão" é um termo que Lacan empresta do jurídico para designar “[...] o uso de um direito não exercido no momento oportuno, ou que se perdeu por decurso de prazo, e é usado para nomear a estrutura psicótica: o não uso do Nome-do-Pai” (FONTANA, 2015, p. 67).

A forclusão, dessa forma, se refere a algo que deveria ter operado durante um período, ou seja, o nome do pai, a inscrição da lei, mas, por não ter havido a inserção de um terceiro na relação mãe/bebê, acaba-se por forcluir o significante primordial responsável por todas as outras significações do sujeito, e, passando esse período, não tem como operar novamente, pois foi forcluído e se perdeu para sempre (FONTANA, 2015).

O nome-do-pai é o significante primordial responsável por outras significações, ou seja, o nome-do-pai é o significante 1 – S1 e só a partir dele é que será possível elaborar um S2 e assim por diante. É esse significante primordial que organiza a cadeia significante e é capaz de barrar o Outro. Na psicose, como vimos, esse significante do nome-do-pai se encontra forcluído, deixando o sujeito sem realizar ligações com os demais significantes e, dessa forma, impossibilita que haja uma falta no Outro, e o sujeito aqui irá ocupar o lugar de objeto do gozo desse Outro que se torna absoluto, este passa a ser sujeito do gozo (MEYER, 2008).

O saber da transferência, que, na neurose, aparecia ao lado do analista, aqui ocupará outro lugar, pois o saber, em se tratando da psicose, estará sempre ao lado do sujeito, mas isso não significa que não haja transferência nessa estrutura, como ressaltado por Lima:

Devido a essas constatações, consideramos que, ao contrário do que Freud (1912/1996) havia afirmado sobre a inaptidão da paranoia, uma neurose narcísica, de desenvolver a transferência com o analista, reconhecemos que ela de fato se desenvolve. Embora o vetor desta transferência dirija-se do Outro simbólico ao sujeito do gozo real, ela ainda assim é considerada uma transferência. (LIMA, 2001, p. 52).

A transferência e o lugar do analista na clínica das psicoses

Fontana (2015) procura percorrer os estudos da psicose de Freud a Lacan, resgatando pontos importantes no que se refere ao objetivo deste artigo, que se trata da posição designada ao Outro do sujeito psicótico frente à transferência analítica. A partir da retomada que Lacan realiza dos estudos de Freud, ele traz a notícia da possibilidade de tratamento psicanalítico para as psicoses, e coloca a transferência como sendo possível também nesses casos, pois:

[...] no que concerne à relação transferencial, Lacan postula que o fenômeno ocorre no momento em que se estabelece uma fala; no entanto, na psicose a fala é atravessada pelo conteúdo delirante. Isso gera um impasse na relação analista/analisante, pois a relação é banhada pelo Outro invasor. Assim sendo, a relação paciente e analista encontra-se comprometida nos quadros de psicose, porém, mesmo diante desse embaraço transferencial, possibilidades existem. (FONTANA, 2015, p. 102).

Pode-se afirmar, assim, que existe transferência na psicose e está pode aparecer como um Outro invasivo. Dessa forma é dado crédito à fala, tendo a importância de ouvir o que o paciente psicótico fala, mesmo que se trate do delírio, pois pode ser uma possibilidade de reconstrução, em uma tentativa de barrar esse gozo invasivo do sujeito (FONTANA, 2015).

Quinet (2006), em seu livro “Teoria e Clínica da Psicose”, traz grande contribuição para compreender a transferência na psicose e o lugar do Outro nessa relação. A contribuição é que se coloca o psicótico no lugar de objeto do Outro, afirmando que ele ocupa também a posição de *objeto a*, uma vez que carrega o saber sobre si. Isso retrata a posição de que o neurótico chegará à clínica carregado de várias incertezas sobre si, realizando questões através da repetição e do

sintoma, questionando a respeito do seu desejo que está como desejo do Outro. Já o psicótico chegará com as respostas antes mesmo das questões:

No psicótico, a resposta se coloca antes mesmo da questão. Essa resposta constitui uma significação, por exemplo, enigmática como a intuição ou fixa como a ideia delirante que ele traz ao analista para fazê-lo testemunha ou para que a caucione. (QUINET, 2006, p. 127).

Dessa forma, o analista iria fazer uma tentativa de barrar o gozo do Outro, desse Outro perseguidor, que aparece em sua cabeça como as vozes de comando, testemunhando a fala que o sujeito psicótico traz. Essa posição de testemunho da linguagem do delírio aparece como posição a ser constantemente debatida e explorada dentro da clínica das psicoses, uma vez que é uma das formas capazes de fornecer um manejo da transferência e se deslocar do lugar de Outro perseguidor (QUINET, 2006).

A transferência só se faz possível, segundo Lacan, por haver relação com o saber (Sujeito Suposto Saber). Então retrata que a transferência está presente quando o sujeito fala a alguém, pois, dessa forma, a dimensão do Outro surge. A transferência que comporta o Sujeito Suposto Saber cabe muito bem no que se diz respeito à análise da estrutura neurótica. Na psicose será diferente, pois aqui o saber está ao lado do psicótico e não do analista (QUINET, 2006).

Retornando o Seminário XX de Lacan, o autor retrata que o saber é da ordem do gozo, “[...] isto é, a equivalência do sujeito suposto saber com o sujeito suposto gozar” (QUINET, 2006, p. 128). Isso fica mais evidente na psicose porque o sujeito se sente completamente preso ao Outro. Por esse motivo, durante a clínica, a posição designada ao analista será diferente entre a estrutura neurótica e a estrutura psicótica. Na neurose, o sujeito chega apostando que o analista carrega o saber sobre si. Já na psicose essa lógica está invertida, pois todo o saber deverá estar no lugar do analisando, cabendo ao analista secretariar essa posição.

Acontece que, em se tratando da psicose, não há como evitar que o analista venha a ocupar o lugar de erotomania mortífera, mas não deve permanecer nela, pois o “[...] analisante se mantém em posição de objeto do gozo do Outro. Aceitar essa posição em que o psicótico situa o analista implica aceitar ocupar o lugar do supereu terrível e gozador” (QUINET, 2006, p. 130). Por este motivo, o analista se deve deslocar dessa posição imposta por essa estrutura, devendo fazê-lo a partir da manobra da transferência.

A alternativa para essa posição de erotomania mortífera, em que, inevitavelmente, o psicótico vem a colocar o analista, seria manobrar a transferência para que pudesse haver um tratamento adequado. No caso, o termo "manobrar" é emprestado da linguagem militar naval e se refere à capacidade de criar uma situação favorável para se poder chegar ao objetivo desejável. Trazendo esse termo para linguagem psicanalítica, significa manobrar a transferência de uma forma que ela pudesse barrar esse gozo mortífero que invade o sujeito psicótico, e fazendo com que ele saia da posição de objeto de gozo do Outro e passe a ocupar a posição de sujeito (QUINET, 2006). Segundo o mesmo autor,

A postura do analista diante de um psicótico deve ser a de dizer *não* ao gozo do Outro para que o significante possa advir. Isto pode parecer utópico ou pelo menos paradoxal, pois o significante Nome-do-Pai foi justamente o que não adveio, caso contrário, o sujeito não seria psicótico. (QUINET, 2006, p. 130).

Entra em cena, a partir deste percurso, o lugar do analista como secretário do alienado: “[...] trata-se de secretariar, constituindo-se o analista como testemunha da relação do sujeito com o Outro” (QUINET, 2006, p. 131). Diz respeito ao analista saber ouvir o que o sujeito psicótico fala, identificando a relação de sua fala com o significante (QUINET, 2006).

Podemos perceber que Quinet (2006) nos mostra a posição designada ao Outro do sujeito psicótico de duas formas, primeiro como gozo mortífero e, segundo, como secretário do alienado, trazendo a importância de ambas para poder haver a transferência nessa estrutura, dependendo da manobra adequada. O autor ressalta também que não há grande distância da posição de secretário com a posição de perseguidor. Esse seria o ponto-chave, uma vez que essa posição de erotomania é uma oportunidade de esvaziar o gozo do Outro em que o paciente coloca o analista.

Quinet (2006) nos fala da posição de secretário do alienado como uma alternativa possível para os casos de psicose. Essa posição seria o que permitiria sair da posição de gozo do Outro, fazendo com que, aos poucos, o psicótico possa passar de objeto de gozo do Outro para Sujeito. Essa posição vai se construindo na medida em que o psicanalista testemunha a relação que o sujeito estabelece com o Outro.

Calligaris (2013), em seu livro “Introdução a uma Clínica Diferencial da Psicose”, retoma a ideia de que a transferência pode aparecer como um Outro devorante, principalmente quando o

paciente se encontra em crise, ou seja, o sujeito psicótico se coloca no lugar de sacrifício ao gozo do Outro. Dessa forma, aparece o termo "saco de objetos", utilizado por Calligaris para ilustrar como é a relação do psicótico com o seu corpo, e elucidar esse sacrifício ao gozo do Outro em que este aparece como “[...] pedaços espalhados proposta à Demanda Imaginário do Outro” (CALLIGARIS, 2013, p. 87), permanecendo nessa posição até conseguir elaborar uma metáfora delirante.

A Demanda Imaginário do Outro retrata que o sujeito psicótico, ao se deparar com o Outro, realiza um sacrifício para atingir essa demanda endereçada ao Outro: “[...] o que o sujeito recebe, vindo do Outro, é um pedido de entrega não negociável simbolicamente, ao qual ele responde ou com uma entrega Real ou com uma entrega alucinada” (CALLIGARIS, 2013, p. 93).

Calligaris (2013) resgata o lugar de certeza que essa estrutura carrega, não havendo referência a um Sujeito Suposto Saber, pois é ele (o próprio sujeito psicótico) quem irá sustentar essa posição em todas as situações que surgem e, na análise, não é diferente. A posição do psicótico, ao se deparar com o analista, é a de que este último não sabe absolutamente nada a respeito dele, pois o único capaz de saber é ele mesmo.

Até o presente momento desta explanação, os autores parecem retomar as ideias a respeito da demanda em que o psicótico designa ao Outro na transferência analítica, ficando em torno desse Outro devastador, e a de que carrega o saber sobre si, e, com Quinet (2006), a posição de secretário do alienado.

Fontana (2015) acrescenta outro lugar a ser ocupado pelo analista diante da transferência, que seria a de ocupar o espaço de Significante 1 (S1). Ele “[...] convoca o psicótico ao trabalho: um movimento de produção, o delírio como suplência da falta do nome-do-pai” (FONTANA, 2015, p. 113). Segundo a autora, isso permitiria ao sujeito realizar um enlace com o mundo, removendo o gozo mortífero que se tem no delírio, utilizando o laço social que esse sujeito pode estabelecer, para um possível apaziguamento desse gozo que o invade.

Já Calligaris (2013), além da posição de demanda imaginária e devorante do Outro, como foi citada acima, coloca o analista na posição de um polo paterno no Real. O analista seria, então, “[...] o lugar da instância paterna que voltou no Real” (CALLIGARIS, 2013, p. 89).

A essa posição de um polo paterno real também é incluída em um lugar imaginário e simbólico. É a partir desse lugar que será possível constituir o delírio e a metáfora delirante. O polo paterno Real tem a sua importância uma vez que essa posição autoriza um lugar no qual fica possibilitada a fala dessa alucinação, pois é necessário constituir um lugar de escuta disso que o paciente relata (CALLIGARIS, 2013).

A fala do analista, numa operação que ele pode considerar como simbólica, apesar de se efetuar para o paciente numa constelação que está no Real, pode certamente modificar alguma coisa nesta constelação e, desse ponto de vista, facilitar ou não o trabalho do delírio. (CALLIGARIS, 2013, p. 89)

Esse polo paterno real se refere à instância paterna que volta para o real, ou seja, o que falta no simbólico vem ocupar esse lugar de referência paterna no real e irá falar para o analista como uma alucinação auditiva. A alucinação é algo que tem a necessidade de realizar um esforço para que possa ocupar um lugar na realidade. Então se deve ouvi-la e fazer uso dessa alucinação no tratamento (CALLIGARIS, 2013).

Mendonça em sua dissertação intitulada “O Inconsciente a Céu Aberto e a Transferência: o secretário do alienado como manejo clínico na psicose”, com base lacaniana, retoma a importância da escuta dentro da clínica psicanalítica dos psicóticos e a posição de secretariar o sujeito psicótico. Ressalta que a escuta não é uma escuta qualquer. Trata-se de ouvir ao pé da letra o que esse sujeito relata, pois é através da escuta que pode ser transmitida a psicanálise na psicose, secretariando o alienado (MENDONÇA, 2012).

Nesse ponto se evidencia a proposta de secretário do alienado, não apenas no sentido de dar crédito à fala do psicótico, ou de uma pureza no diagnóstico a partir do que esse psicótico fala. Aí há também uma inclusão desse psicótico no rol daqueles que podem ser tratados pela psicanálise – afinal ele é um sujeito. (MENDONÇA, 2012, p. 36).

O psicótico, ao se dirigir ao Outro, pode colocá-lo diante da relação transferencial no lugar de afeição ou ódio/perseguidor. O que nisso aparece relevante é que esse sujeito possa endereçar o discurso delirante ao Outro para que se consiga atingir a estabilização desse quadro. Dessa forma, cabe ao analista a função de acolher a fala do psicótico, fazendo que essa fala venha a ter um sentido e funcione como uma âncora de organização a partir desse endereçamento ao Outro, tornando-se então secretário do alienado (MEYER, 2008).

O psicanalista, ao ocupar o lugar de secretário, para além de afirmar a posição do sujeito de testemunha aberta do discurso do Outro, pode ajudá-lo a construir um sentido para isto que ele testemunha. Assim, seu papel é ativo, o que significa não apenas registrar o que a testemunha relata, mas tomar seu testemunho “ao pé da letra”. (MEYER, 2008, p. 310).

Assim sendo, o analista deve se posicionar como não detentor do saber, e não gozar, de modo a ofertar um espaço vazio, para que ali o sujeito possa colocar seu testemunho de posição de objeto diante deste Outro. À medida que cabe ao analista interpretar e dar sentido, “Essa interpretação pode se tornar uma construção delirante e ela será facilitada quando o psicótico encontra no analista este Outro menos invasivo” (MACIEL, 2008, p. 35).

Lacan, no Seminário III (1964/1988), nos fala a respeito dessa posição de secretário do alienado. Dessa forma, logo no início do capítulo XVI, que tem como título “Secretários do Alienado”, retrata que, diante da psicose, devemos: “Nos contentar em passar por secretários do alienado [...] não só passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta” (LACAN, 1988, p. 235).

Desta forma, foi possível perceber, durante este percurso discursivo, várias posições em que o psicótico pode colocar o analista, seja a posição de Outro invasor, seja posição de não saber, como um polo paterno voltado no real, seja posição de S1 e, enfim, a posição de secretário do alienado, que parece vir para dar conta de todas as outras posições que aparecem. Então se percebe que, na clínica psicanalítica das psicoses, o sujeito irá transitar entre algumas posições favoráveis e não favoráveis, nas quais secretariá-lo parece a função que melhor cabe nessa clínica peculiar.

Conclusão

Este artigo permitiu explorar a clínica psicanalítica das psicoses, bem como a consulta a variados pensadores permitiu encontrar algumas possibilidades de posição designada ao Outro do sujeito psicótico frente à transferência. Essas fontes bibliográficas não só retomam os propósitos freudianos, mas também permitem avançar com a possibilidade de tratamento trazida por Lacan, assim abrindo novos horizontes para o tratamento que Freud dizia inaceitável para a psicanálise.

Procurou-se, com este trabalho, demonstrar que pode haver tratamento psicanalítico para as psicoses, pois que nesses casos pode, sim, existir a transferência — como pôde ser

demonstrado por algumas maneiras diferentes que foram exploradas durante o texto, com a tentativa de dar conta do objetivo deste trabalho, e que vão recapituladas abaixo.

Primeiramente a posição que o psicótico designa ao Outro de acordo com Fontana (2015), Quinet (2006), Calligaris (2013), Mendonça (2012) e Meyer (2008). Trata-se do Outro invasor, perseguidor, devorante, como objeto de gozo. E, para conseguir dar conta dessa posição que o psicótico coloca ao analista, se faz necessário que o analista "manobre" a transferência, de uma forma que possa barrar esse gozo que invade o sujeito.

Depois Fontana (2015) coloca também a posição de Significante 1 (S1) para o analista, fazendo que haja trabalho do psicótico para que se possa produzir algo com a capacidade de suplência, permitindo um enlace com esse sujeito, pois se acredita que, a partir do laço social, se possa retirar o gozo mortífero que invade o sujeito pelo delírio.

Já Calligaris (2013), além desse lugar de Outro, devorante vai acrescentar que a outra posição em que o psicótico pode colocar o analista é como referência de um polo paterno no real, levando em consideração que tudo o que foi excluído do simbólico irá retornar no real nessa estrutura, e o analista será ouvido como alucinação, ocupando o lugar do pai no real, trabalhando para que essa alucinação possa se aproximar da realidade desse sujeito.

Enfim, a posição designada ao Outro do sujeito psicótico — posição que parece dar conta desse Outro invasor trazido pelos autores — é trabalhar como secretário do alienado, o que implica ouvir ao pé da letra o que o psicótico fala, dar crédito a essa linguagem, mesmo que se trate do delírio, pois é a forma que o sujeito encontra para tentar se enlaçar com o Outro, fazendo com que consiga sair da posição de objeto de gozo, e podendo ocupar a posição de sujeito (LACAN, 1985).

Dadas as constatações desta pesquisa, a clínica psicanalítica das psicoses se apresenta como um assunto para ser constantemente debatido, pois não deixa de ser uma clínica inaugural e, assim como a psicanálise em geral, necessita de estudos constantes para conseguir se adequar às demandas que vêm aparecendo na contemporaneidade.

Este trabalho foi uma tentativa de refletir uma possibilidade de tratamento pelo viés psicanalítico das psicoses, trazendo a posição designada ao Outro como secretário do alienado, considerando que, nessa abordagem, o instrumento que tem grande importância é a escuta. É de se acreditar que, dessa forma, ouvindo os sujeitos, é possível fazer avançar as reflexões da

psicanálise, independentemente da estrutura escolhida para o tratamento, ouvir ao pé da letra o que o outro diz parece ser uma das alternativas possíveis para que haja um correto atendimento clínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013.

FIQUEIREDO, Luiz C.; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, vol. 39, nº 70, p. 257-278, jun. 2006.

FONTANA, Francis Juliana. **Psicoses da teoria à clínica: uma perspectiva freudiano-lacaniana**. Curitiba, PR: Juruá, 2015.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: o caso Schreber** (artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas de Paulo Cezar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário. Livro 3 — As psicoses. 1955-1956**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise — 1964**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LIMA, Tutiola. A. S. **O laço possível: considerações sobre a transferência na clínica da paranoia**. Belo Horizonte, MG: Biblioteca Digital da UFMG, 2011.

MACIEL, Viviane. S. A transferência no tratamento da psicose. **Revista Mental**, Barbacena/MG, vol. 6, nº 10, jun. 2008.

MENDONÇA, Roberto L. **O inconsciente a céu aberto e a transferência: o secretário do alienado e o manejo clínico na psicose**. São João del-Rei, MG: PPGPSI-UFSJ, 2012.

MEYER, Gabriela R. Algumas considerações sobre o sujeito na psicose. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, vol. XI, nº 2, jul./dez. 2008.

PISSETA, Maria A. A. M. Inconsciente e transferência: perspectiva na clínica. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas/SP, jna./mar. 2012.

QUINET, Antônio. **Teoria e clínica da psicose**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Campo Teórico).